

Resenha

Movimentos Sociais e Educação: um novo olhar sobre a década de 80

Maria da Glória Gohn. 6 ed. rev. São Paulo. Cortez, 2005. 118p. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 5)

Armando Daros Junior

O livro *Movimentos Sociais e Educação* de Maria da Glória Gohn¹ é uma composição de textos redigidos entre 1989-1991 e acrescentados com base em dados de 2004 como resultado das pesquisas e atividades da autora na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e apresentados nos diversos congressos e seminários da qual participou.

O texto está dividido em dois eixos centrais de análise: os movimentos sociais populares de origem urbana e as demandas e movimentos dos diversos setores sociais cujo enfoque está na luta pela educação. A educação nesta abordagem é tratada no sentido mais amplo, o que se caracteriza por todos os processos que envolvem aprendizagem de novos valores, idéias, atitudes e comportamentos que apreendidos e assimilados pelos sujeitos sociais são responsáveis por novas práticas no cotidiano social, e no sentido restrito, a educação no âmbito escolar. A relação entre educação e movimentos sociais se dá a partir de novas atitudes que os integrantes tomam a partir da prática de mobilização ou conforme afirma Gohn:

a educação se apresenta como forma de aprendizagem aos participantes dos movimentos e associações; como efeito pedagógico multiplicador das ações coletivas junto à sociedade civil e à sociedade política; e como demandas específicas na área educacional, dentro e fora da instituição escolar (p. 114).

Buscando delimitar os movimentos sociais populares urbanos, eles são subdivididos em sociedades amigos de bairro (SABs), associações de favelas e lutas e movimentos específicos pela moradia ou por elementos adicionais à habitação que, embora tenham objetos de reivindicação similares, diferem em origem, articulação, relação social, e estratégias de ação.

As SABs, amadurecidas a partir de 1945, adquirem do regime populista do governo então vigente o caráter clientelista de suas relações com o poder público na busca de melhorias pontuais na infra-estrutura dos conjuntos residenciais construídos pela iniciativa empreendedora privada no decorrer dos anos 60, 70 e 80. A história das SABs atravessa quatro fases: reivindicativa (1930-64), assistencialista e de resistência (1964-74), período dos 80 de resgate de sua função política a nível local e última na qual ela recupera sua característica de canal intermediário de políticos e a buro-

¹ Maria da Glória Gohn é doutora em Ciência Política pela USP (1983), PhD pela New School for Social Research de New York, professora titular de Educação da UNICAMP.

te com a falta de distensão à participação popular, já que sua atuação ocorreu sobretudo em níveis restritos ao Parlamento e à questões pontuais, levou ao insucesso uma parcela expressiva de suas demandas, sem no entanto ofuscar a importância do FNDEP no processo de conquista de relações mais democráticas na escola.

Gohn não trata, porém, de reduzir sua obra apenas à reconstrução da trajetória histórica dos movimentos sociais e a educação, sobretudo a popular. Procura-se alcançar um ponto de convergência no qual movimentos sociais e educação popular se encontram, tendo em vista as abordagens analíticas, elaboradas pelas Ciências sociais no caso dos movimentos, e pela educação no caso da educação popular tenham expressado caminhos práticos e teóricos separados. A cidadania surge como elemento aglutinador nesse processo: a percepção dos direitos de acesso aos bens e serviços públicos, uma nova postura que ultrapassa o caráter passivo e clientelista se dá não só pela ação direta da formação pela educação popular, mas também no exercício contínuo de participação e reivindicação dentro dos movimentos sociais, daí seu caráter educativo. Por esse motivo, Gohn reavalia o título de “década perdida” dada aos anos 80: se por um lado houve retração no plano econômico-social, houve um substancial avanço na participação popular, sobretudo em defesa da democratização e acesso à educação em virtude da participação do FNDEP.

A crise que atingiu os movimentos sociais nos anos 90, possui, segundo a autora, raízes na década anterior: as sucessivas crises do capitalismo, as práticas corporativistas, as ações restritas aos círculos de poder executivo e legislativo e a dificuldade de se estender os movimentos a setores mais abrangentes da sociedade levaram-nos ao fracasso. Gohn vê na falta de um projeto próprio, voltado às massas, a causa predominante na crise dos movimentos. O texto carece em avaliar mais incisivamente o que a autora chama de crise derivadas das “contingências econômicas”, tendo em vista a crise do emprego dos anos 90 tem levado a classe trabalhadora a lutar mais por sobrevivência que por melhorias. O desenvolvimento dos canais democráticos, embora não suficientemente consolidados, e restritos à participação pelo voto retiraram parte da força dos movimentos sociais cujo bandeira inicial esteve relacionada com a redemocratização do país.

Armando Daros Junior

Pós graduando do curso *Latu Sensu* de Fundamentos
Filosóficos e Políticos da Educação
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.
Caixa postal 1051
Foz do Iguaçu, PR. - CEP: 85863-900.
E-mail: darosjunior@bol.com.br
